

Nasce a empresa que comprará dívidas

MOISÉS RABINOVICI

Uma companhia que vai comprar a dívida que o México tem com o Japão, repetindo depois este "ótimo" negócio com o Brasil, deverá ser anunciada hoje, em Tóquio.

A companhia vai chamar-se JBA Investors Inc. e estará funcionando nas Ilhas Cayman a partir de 31 de março, amparada por 28 dos maiores bancos japoneses.

Este intrigante negócio do Japão foi definido, por um banqueiro japonês, como, "basicamente, uma lata de lixo onde todos os bancos jogarão

seus empréstimos", falando anonimamente ao **The Wall Street Journal**. Ao que um banqueiro brasileiro em Nova York completou, ao ser consultado ontem pelo **Estado** e o **JT**:

— Uma lata de lixo, sim. Mas todos os papéis jogados dentro valem uma dedução no imposto de renda japonês.

Os bancos japoneses jogarão primeiro na JBA Investors o empréstimo mexicano no valor de US\$ 6 bilhões. Algum tempo depois, o brasileiro, num total de US\$ 10 bilhões. Como acionistas, receberão dividendos se forem pagos juros ou o próprio

principal. Se não, quem levará prejuízo será a própria companhia, que começará com um capital de US\$ 84 mil.

— Mas o que é que os japoneses estão querendo? — pergunta-se.

— Isto ainda não está respondido claramente — lamenta um banqueiro brasileiro muito interessado, pelo Brasil, neste negócio do Japão. Parece que o problema dos japoneses é o de arrumar seus balanços. E estão contando, obviamente, com o Ministério da Fazenda do Japão, pois ele inclusive ofereceu orientação em regras cambiais e procedimentos.

A JBA entra no mercado no oportuno momento em que o Brasil suspendeu o pagamento dos juros de sua dívida, como lembra o **The Wall Street Journal**. O Japão detém o título de segundo maior credor do Terceiro Mundo, vindo os Estados Unidos em primeiro lugar. São US\$ 30 bilhões em créditos, mas se eles não forem devolvidos "nenhum banco japonês ficará tecnicamente em bancarrota", segundo um analista bancário norte-americano.

Com a JBA, calcula-se, os bancos japoneses ficarão aos poucos livres do problema de seus créditos ao ter-

ceiro mundo, especialmente para o México e Brasil. Em menos de 15 anos, se tanto, terão transferido seus prejuízos para a Receita Federal de seu país, o que os bancos norte-americanos não podem fazer sem uma mudança na legislação norte-americana.

A vantagem imediata, se o Brasil for contemplado pela JBA depois do México, segundo um banqueiro brasileiro em Nova York, "é que não terá um credor nervoso a atormentar-lhe: o credor já abateu do Imposto de Renda".